

[Este resumo foi gentilmente cedido ao CRE\_PORTO pela Doutora Marina Lencastre]

## A BONDADE ORIGEM E IMPORTÂNCIA PARA A ÉTICA AMBIENTAL

As questões ambientais contemporâneas apelam a mudanças políticas e institucionais urgentes. Mas tão urgente como estas mudanças estruturais é a motivação individual para agir a favor dos elementos naturais ameaçados: espécies em vias de extinção, animais de consumo ou de divertimento maltratados pelas condições em que são mantidos, ecossistemas ameaçados, águas e ar poluídos, o stress do sobreconsumo, o aquecimento planetário, etc, todos estes fenómenos colocam-nos face a uma natureza frágil que acorda em nós sentimentos morais. A bondade, enquanto sentimento moral, é a disposição geral para praticar o bem. Associa-se estreitamente à compaixão, que é a necessidade de aliviar o sofrimento dos outros, e ao altruísmo, que é a emoção social que dela deriva

Pensou-se até há pouco tempo que a bondade humana era um produto da cultura e da educação e que o ser humano seria essencialmente egoísta e auto-interessado. Esta forma de pensar foi desenvolvida na tradição filosófica, com algumas vozes dissidentes, e também nas ciências da natureza, em consequência da ideia de que o ser humano, tal como os outros animais, luta pela sobrevivência numa feroz competição por recursos. Sem abandonar esta ideia, a recente biologia evolutiva explica os casos fantásticos de «altruísmo»<sup>1</sup> animal como sendo motivados pelo egoísmo genético: os animais tendem a ser «altruístas» com os parentes («altruísmo» genético ou vantagem inclusiva; Hamilton, 1963) e, quando se sacrificam em favor de animais não aparentados, fazem-no porque têm uma alta probabilidade de virem a ser ajudados por estes, no futuro («altruísmo» condicional; Trivers, 1971). Estes trabalhos tentam explicar os casos de altruísmo humano como formas complexas de altruísmo genético e de altruísmo condicional, acrescentando-lhes ideias sobre o altruísmo forte – que funciona quando os contextos de troca são sólidos, contratuais e previsivelmente estáveis (Gintis et al, 2007) – e o altruísmo co-evolutivo (Boyd, 2003) que propõe que a capacidade dos humanos para cooperarem deriva da evolução conjunta dos genes altruístas e de uma cultura da cooperação que tende a punir os comportamentos egoístas.

A par destes trabalhos, as observações etológicas mostraram que nos animais parentais (as aves e os mamíferos que tomam conta dos filhos), a vantagem inclusiva e o “altruísmo» recíproco se complexificaram com a entrada em cena evolutiva das emoções ligadas à vinculação e ao abandono – o afecto e a angústia. Evidências recentes da primatologia mostram que comportamentos verdadeiramente altruístas, fundados na empatia e na cooperação, acontecem com uma frequência elevada nos grupos sociais individualizados – em que os animais se conhecem individualmente<sup>2</sup>. A empatia consiste na capacidade de sentir a situação emocional dos outros através das próprias representações neurais e orgânicas. Tem uma base neurofisiológica que está na origem da motivação para agir em favor dos outros. Trabalhos publicados em 2006 (Langford et al) mostraram que o mesmo mecanismo está activo nos ratos,

---

<sup>1</sup> O altruísmo biológico aparecerá entre aspas, seguindo a recomendação de Ruse (1996) quanto à distinção entre a etologia do “altruísmo” nos animais socialmente menos complexos, e o verdadeiro altruísmo motivado por emoções, como nos primatas superiores, ou por obrigações, como no ser humano

<sup>2</sup> Ver o trabalho de Franz de Waal sobre a empatia social e os precursores do comportamento moral nos primatas.

que empatizam com a dor dos companheiros, sofrendo quando os vêm sofrer. Estes trabalhos vão no sentido de considerar que a empatia é uma resposta emocional bastante difundida nos animais parentais. Nos animais sociais mais sofisticados, a empatia emocional associa-se à empatia cognitiva, que é a capacidade para perceber o que se passa com o outro e portanto para o ajudar de uma forma efectiva. Franz de Waal conta a história de um chimpanzé que encontrou uma ave ferida no chão, pegou nela e a levou para um ramo alto de uma árvore. Chegado lá, tentou abrir as asas da ave, fazendo movimentos para que esta pudesse voar.

Na evolução raramente se perdem traços biológicos; as estruturas são transformadas, modificadas, co-optadas para outras funções (de Waal, 2006). É provável que nas espécies socialmente mais complexas, o altruísmo genético e condicional se tenham fundido com a empatia social, dando origem a genuínas experiências cooperativas. O ser humano herdou muitas destas tendências comportamentais e acrescentou-lhes outras que lhe são específicas, nomeadamente uma consciência ampliada sobre o que constitui a comunidade moral e a capacidade de traduzir essa experiência na linguagem. A bondade, a compaixão, e a disposição moral que delas deriva, são traços especificamente humanos; importa compreender que carregam dimensões filogenéticas que inscrevem a raiz da bondade e da moralidade na natureza e não só, como se costuma pensar, nas culturas e na educação. A bondade, a compaixão e a moralidade estão provavelmente tão enraizadas em nós como outros comportamentos sociais espontâneos e intuitivos do dia-a-dia. São muitas vezes os contextos sociais que impedem a expressão das tendências bondosas dos humanos, mesmo que isso implique sofrimento por parte de quem sente um impulso generoso ou um pensamento gentil.

As situações contemporâneas confrontam-nos com problemas inéditos na história da humanidade: desde as questões da bioética até aos novos problemas ambientais, todos apelam à consciência deliberativa no sentido de escolher o melhor bem. Estas novas questões implicam novas respostas educativas e novos valores morais: uma literacia que saiba lidar com a complexidade e a imprevisibilidade dos cenários sociais e ambientais contemporâneos e uma ética sensível à condição dos outros, humanos e não humanos, presentes e futuros. A disposição bondosa associada a uma compreensão mais profunda do sentido colectivo da vida sobre a terra estão na origem da abertura ao todo, onde a inteligência emocional pode encontrar as soluções cooperativas que o nosso futuro conjunto espera de nós.

Boyd, R. (2003) Cultural evolution of human cooperation in Hammerstein, P. (ed.) *Genetic and cultural evolution of cooperation*, MIT Press.

Gintis, H. et al (2007) Explaining altruistic behavior in humans in Dunbar, R.I.M., Barrett, L. *The Oxford Handbook of Evolutionary Psychology*, USA: Oxford Un. Press.

Hamilton, W.D. (1964) The evolution of altruistic behavior. *Am. Nat.*, 97, 354-56.

Langford, D. J. et al (2006) Social modulation of pain as evidence for empathy in mice. *Science*, 1967-1970.

Trivers, R. (1971) The evolution of reciprocal altruism. *Q. Rev. Biol.* 46, 35-57.

Waal, F.de (1996). *Good natured: the origins of right and wrong in humans and other animals*. USA, Harv.Un.Press.

Waal, F. de (2006) *Primates and philosophers. How morality evolved*. Princeton Un. Press.